

SEXO DE PAPEL PASSADO

Autora: Salma Ferraz

Achar um homem para chamar de seu é algo quase impossível neste tempo em que vivemos e nos quais os homens vivem o que se denominou chamar de *o crepúsculo do macho*. Agora o que está na moda é o que se chama de *metrossexual*, e eu na primeira vez que vi o termo pensei em homens bem dotados, metros e metros de músculos, pelo qual algumas pagam um preço muito caro. Mas não era isto. Os metrossexuais são os chamados *homens do espelho*, bem vestidos, elegantes, finos, requintados, modernos, vaidosos. Dois bons exemplos desta nova modalidade de homem são Brad Pitt e David Beckham. Mais ter um metrossexual é coisa para as deusas das passarelas, porque estes homens não estão por aí, em qualquer esquina. As mulheres normais, pobres mortais há muito tempo deixaram de ser exigentes. Para elas qualquer *centimetrossexual* está de bom tamanho: durão ou chorão, másculo ou franzino, magro ou gordo, refinado ou troglodita, cabeludo ou careca, maduro ou jovem, qualquer centímetro ou aparência de homem, serve. Aliás, achar um Homem, com H maiúsculo já é lucro...

Bem vamos ao homem que eu pretendia chamar de meu. Eu o conheci num lançamento de livros no Café Matisse, no Centro Integrado de Cultura, o CIC, em Florianópolis, no inverno de 1997, um barzinho localizado dentro do teatro. O local era perfeito para conhecer alguém especial, meia luz, mpb ao vivo. Ele, como saído de um conto de fadas, apareceu do nada e era perfeito: loiro, olhos azuis, 1:80m, 80 quilos, calça preta pregueada na frente, camisa branca e suspensórios vermelhos. Eu era e sou louca por homens que usam suspensórios e colete. Mais tarde descobri que ele tinha uma colorida coleção deles. Bati os olhos naquela figura deslocada no ambiente, tempo e espaço ali parado em pé no canto do Matisse, já que ele parecia um dândi do século passado, desculpa, estou envelhecendo, do século retrasado.

Ele era culto, gostava e conhecia os mesmos autores que eu, os mesmos pintores. Éramos obcecados por Frida Kalho, Fernando Pessoa e Neruda, música medieval italiana e canto gregoriano. Detalhe importante: ele era maravilhosamente dez anos mais novo que eu. Não que eu fosse uma devoradora de anjos, novamente desculpa, esta é tão antiga que nem sei de que século é. O problema é que os homens de minha idade, sem medo de errar, se encaixavam em algumas categorias igualmente problemáticas: 1) estavam maravilhosamente bem casados, e neste caso não restava uma mísera chance; 2) estavam ou diziam que eram mal casados e certamente era complicação em dose tripla; 3) eram divorciados ou estavam se divorciando, às vezes, do segundo ou terceiro casamento. E neste caso eram ex e mais ex, filhos e mais filhos, pensões e mais pensões, traumas e mais traumas e a quarta e última categoria – eram lindos, maravilhosos, livres e ricos e homossexuais. Nada contra os *homopurpurins*, mas ainda prefiro homem, esta espécie em extinção, brevemente objeto de visitação em museus. Portanto, não só a mim, mas a muitas mulheres balzaquianas divinamente sobram os mais jovens. Livres, leves, soltos, sem LER, depressão, dores lombares, pensões e filhos. Em pleno chamado crepúsculo do macho, abundam os machos da alvorada.

Porém, neste deus loiro, de cabelos lisos como uma espiga de milho, o que mais me atraiu foi seu romantismo. Eu tinha 37 anos e mesmo assim me sentia ao lado de alguém imensamente mais velho que eu. Eram jantares à luz de velas, bilhetes, cartas em papel reciclado, flores, cestas com café da manhã.

Certa vez, ele alugou um barquinho no Canto da Lagoa e me levou para uma ilhazinha deserta. O barco não parecia aqueles do Hawaí, era mesmo um barco de pescador manézinho do Canto da Lagoa, forrados com ramos de ipê amarelo. O pôr do sol lindo, avermelhando a Ilha da Magia com suas mil bruxas acordando naquele momento mágico, e nós dois, naufragos embebidos pelo perfume do ipê, rumando ao encontro do pôr do sol nos cantos misteriosos da Lagoa da Conceição. As bruxas da Ilha comiam, sossegadamente, todos os decotes do horizonte avermelhado. A velha cabana deserta no alto de um morro, o peixe fresco assado na brasa, a música dos muitos grilos e sapos, tudo tão perfeito, que até esqueci dos micuins que arruinaram minhas pernas já doloridas pela subida do morro íngreme. Tudo foi poesia de fim de século retrasado, porque mesmo nos conhecendo há três meses, passamos a noite inteira conversando e ele, apesar de muito vinho, beijos e beijos que o vento levava e trazia de volta,

simplesmente não partiu para os chamados *finalmente* e não fizemos aquilo que todos fazem quando estão apaixonados numa cabana deserta. Esperamos o amanhecer observando o sol prateando as águas da Lagoa. Eram as fadas que, em sinfonia, devolviam a aurora, expulsando as bruxas de volta para suas cavernas.

Isso me encantava, ele não tinha pressa, gostava de praticar beijos cinematográficos, de final de novela, conversando, acariciando, degustando o beijo, o carinho, o vinho com queijo, rindo, ou seja, como amantes do século passado e retrasado, namorávamos. E era justamente isto que eu criticava nos rapazes mais novos: a falta do romantismo, a radical ausência de tempo e paciência para namorar. O namoro atual acompanhava a velocidade da Internet, de Matrix. Conectava-se, ficava-se, amava-se, sexuava-se, ou como dizia Paulo Lins *leve-me, lave-me, love-me*. Depois deletava-se, desconectava-se, tudo em questão de horas.

Apaixone-me ridícula e pateticamente por Vladimir. Aliás, todos os apaixonados são extremamente ridículos. Sempre digo e repito: mais ridículo que um apaixonado ridículo é quem nunca foi ridículo por amor e no amor. Mais um mês se passou até que depois de um jantar num restaurante português no Córrego Grande, com um bacalhau maravilhoso, finalmente ele me convidou para conhecer seu apartamento que ficava no Bairro do Estreito, do outro lado da romântica Ponte Hercílio Luz.

Só o fato de passarmos a ponte, com uma lua de cartão postal, já era mágico. As bruxas certamente naquela noite cederiam lugar às fadas. Aliás, na Ilha da Magia, sempre se dizia que alguma coisa acontecia quando um casal cruzava a ponte em noite de lua cheia. Eu que nem acreditava nestas crendices dos ilhéus, passei a não ser tão incrédula, quando ao cruzarmos a ponte, ele errou de propósito a marcha e pela primeira vez depois de quatro meses de namoro, deslizou suavemente sua mão e acariciou minha perna sob a laicra do tubinho preto. Gostei do carinho e acreditei que as fadas ainda existem, bem do lado debaixo do equador, numa ilha do atlântico sul.

O apartamento estava tão bem arrumado que me deu até vergonha do meu, tão cheio de pilhas de livros empoeirados. O apartamento era a cara dele. Esta perfeição me irritava, ele não tinha um defeitinho sequer. Tenho uma filosofia que aprendi nos meus quase quarenta anos de leitura e de vivência, mas vivência que leitura - *desconfiem da perfeição - um ser completamente perfeito, esconde alguma coisa terrível*. Esta filosofia, infelizmente, nunca falhou e creio que nunca falhará. Dançamos ao som de Bee Gees. Ele gostava do que eu gostava. Ele serviu um vinho do Porto. Ele adivinhava os meus pensamentos e os meus mais secretos desejos. Havia girassóis no vaso, ele sabia que aquela flor era a metáfora de minha vida. Na mesinha, o meu filme preferido - *Nós que aqui estamos por vós, esperamos*. Incrivelmente, ele sabia tudo a meu respeito como se me conhecesse há séculos. Aliás, eu parecia estar vivendo em algum lugar do passado. Toda mulher, idiotamente, quando está amando, acha que está vivendo um conto de fadas, só pensa no príncipe esquecendo-se dos vilões e sapos que estão sempre presentes nestas estórias. Voltando ao enredo: ele era um homem completamente lírico, um príncipe moderno.

Bailamos, comemos, nos beijamos, nos beijamos, nos beijamos, e partimos para as primeiras carícias que foram suaves e lentas. O melhor não era o prazer em si, mas a expectativa do prazer, a imaginação do que viria pela frente. Ele sabia retardar o prazer, parecia conhecer verdadeiramente uma mulher e o que ela espera de um homem. Suas mãos deslizavam pelo meu vestido, eu deslizava minhas mãos pelas suas costas, enrodilhava seus cabelos loiros em meus dedos. Aliás, homens de cabelos cumpridos me deixavam e me deixam louca. E beijos, muitos beijos numa intimidade absoluta e sem pressa. O calor invadia meu corpo, mas não tínhamos pressa. Sintonia perfeita de quem tem a eternidade a seus pés. Os carinhos continuavam intensos, um sofrimento de sofreguidão nos invadia, a demora já era quase dolorosa. No meio daquele masoquismo maravilhoso, ele surpreendeu-me ao dizer que precisava tomar um banho rápido. Uma nevasca caiu sobre meu corpo quente. Porque? Porque tomar banho se ele estava com o cheiro de *Diávo!o*? O que me irritou era porque eu sabia que o banho, como tudo o que ele fazia não seria rápido. Mas como não existe perfeição, resolvi esperar.

Retirei minha lingerie da sacola que estava em cima do sofá e vesti calmamente as duas peças pretas que eu havia comprado especialmente para aquela noite tão desejada. Examinei todos os ângulos, estava bem, eu era bonita, pernas bem torneadas e bronzeadas, seios firmes,

graças há muita peitorais e à marca de sutiã reforçado *Triumph*. Deitei-me e só então percebi algo que me fez mais feliz do que eu já estava. Repito, ele adivinhava todos os meus pensamentos, até os mais secretos. Sobre a cama, dezenas de pétalas de girassóis espalhadas. Ao lado da cama uma champânhe gelava num baldinho de alumínio. Eu escolhia, antegozando todos os prazeres futuros daquela noite mágica, diversas poses provocativas. Por vezes, me colocava naquele ângulo fatal, de lado com as pernas dobrada, ofertando-se como um girassol tentando ser discreto...

Escolhi todas as poses e já havia me cansado de imitar Madona e sonhar com todas as fantasias de revistas femininas que eu folhava rapidamente no salão de beleza, uma vez que já se passara mais dez minutos e nada dele sair do banheiro. O tick-tack de um relógio antigo na parede me enervava. Eu podia ouvir o barulho do chuveiro e sua voz que cantarolava, aliás, impecável para um principiante, uma ópera – *Carmem*. Mais cinco minutos e o banho de noiva, se acompanhasse o tamanho da ópera, prometia demorar mais ainda. Comecei a me incomodar e pensar no completo despropósito daquele banho, seu corpo estava perfumado e ele com aquela brancura despuradamente sexual, se limparia de quê? Sua pele era um pó de arroz, pura porcelana inglesa, lavar o quê? Estava cansada de esperar meu delicioso lacta branco. Sonhos de valsa, de ópera, de mil e uma noites de amor. Mas o silêncio do quarto era quebrado por aquela ópera e pelo som irritante daquele relógio do arco da velha.

Foi então que os macaquinhos começaram a pular no cérebro. Mente de mulher é algo muito sinistro, impaciente, então é um perigo. Tenho um defeito inconfessável que só às leitoras confesso: adoro fuçar carteira, bolso, e gavetas de homens desconhecidos, é claro. Os que eu conheço, ou confio ou desconfio, não há meio termo. Mas quando ainda não conheço, quando estou conhecendo, futrico sim. Pensei em não fazer isto, o que aquele querubim esconderia? *Resisti ao Diabo e ele fugirá de vós*. Não resisti, virei meu corpo já amarelo de raiva e de girassóis e puxei suavemente a gaveta da cômoda que ficava na cabeceira da cama, bem ao alcance da curiosidade das minhas mãos. Fui revirando, metodicamente, a gaveta para depois deixar tudo no lugar. Apenas ergui as coisas e foram surgindo revistas - nenhuma de mulher pelada - capas de cds, canetas, e um pacote plástico com um recibo bem grande e outros menores anexados por um clips. Como o pacote de recibos estava coberto por um plástico transparente, nem precisei abrir, para ler, sem crer, o que tinha diante de meus olhos, antes verdes, agora já amarelados:

RECIBO
2.500,00

Recebi do Sr. Vladimir Sholespankiak, a quantia acima de 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), relativos à serviços sexuais prestados em sua residência por dez meses, no período de março à dez/96, de livre e espontânea vontade e que não fui vítima de coação de forma alguma, tendo sido o preço estipulado e combinado como justo entre as partes. Abro mãos de qualquer extra, relativo às férias, décimo terceiro ou qualquer outra indenização como hora extra, etc.

Terezinha de Jesus.
Empregada doméstica

Ele cantarolava a parte mais vibrante da ópera e o maldito relógio parecia acompanhar o ritmo frenético do desafio de *Carmem* e da pulsação acelerada do meu coração. Eu contemplava trêmula a tentativa de assinatura de uma mulher que pelo rascunho de seu nome, demonstrava ser semi-analfabeta. Um girassol de adjetivos não daria conta de minhas sensações naquela estranha ópera trágica representada durante dez meses, entre empregada e patrão. Novamente *Casa Grande e Senzala* em pleno século XXI. Olhei para meu corpo e senti-me ridícula, eu, Gilda pós-moderna, ou pós qualquer coisa, mergulhada nos girassóis de Van Gogh. Minha cabeça era puro Matrix. Vieram-me à mente todos os filmes de terror que havia assistido nos últimos meses. Olhei pela porta entreaberta do banheiro que tinha plástico e lembrei-me da cena clássica do banheiro de *Psicose*. Os filmes de terror passaram com um vídeo clip em minha cabeça. *Corra, Lola, corra*. Recitava mentalmente todos os nomes de assassinos desde *Jack, o estripador*, até o maníaco do parque. *Corra, Loira, corra*. Eu que aqui

estou por vós não vou esperar. Levantei-me com um pulo de ginasta, fui tirando a lingerie numa velocidade inenarrável, e ajeitei as peças, bem arrumadas, sobre os girassóis da meia noite, formando um espectro de corpo de mulher. Arrumei a calcinha de renda preta, fazendo a curva da cintura e, mais em cima, o sutiã rendado. Peguei minha sacola vazia em cima do sofá, catei minhas meias finas que estavam jogadas no chão e que eu, pelo nervosismo, não conseguiria vestir, e coloquei dentro. Não achava meu sutiã. Não poderia deixar meu sutiã, jogado no quarto de um estranho maníaco. Pulei do outro lado da cama, o sutiã estava jogado no chão, completamente desprezado. Pus o vestido preto todo amarrotado, não daria tempo de colocar o sutiã que joguei na sacola. A lingerie preta contrastava com o amarelo ouro das pétalas de girassóis e deveria ficar ali como um recado póstumo, não pertencia a mim, pertencia a um grave equívoco, nunca tinha sido usada, era nova e nova continuaria. Peguei um recebido em branco dentro da gaveta, destaquei, odiando aquele barulho de papel picotado, como se, com aquela ópera e com o barulho do chuveiro fosse possível a ele ouvir algo, alcancei uma caneta na gaveta, assinei o recibo e saí ajeitando meu seio dentro do tubinho preto, carregando os sapatos nas mãos. Quando me aproximei da saída, segurei a maçaneta, e, silenciosamente, consegui abrir a porta no exato momento em que ele desligou o chuveiro, parou de cantar a ópera e disse: - *Já estou indo querida.*

Observei a porta, a porta do elevador a dois metros dali e o elevador parado no andar superior. Reuni toda a calma do mundo, que não tenho nem nunca terei, e disse respirando fundo: - *Não tenha pressa.*

Pé por pé, desci as escadas até o andar de baixo, chamei o elevador, que saiu do oitavo, passou pelo sétimo e parou no sexto onde eu estava. Entrei no elevador, apertei o botão e conseguir finalmente calçar os sapatos. O elevador demorou mais que ópera inteira de *Carmem* para chegar ao térreo. O porteiro estava dormindo e isto fez com que eu passasse nas pontas do meu salto para não acordá-lo. Na rua, o vento leve batendo no meu rosto suado. Eu corri em direção ao carro, com todos os girassóis da Rússia girando dentro da minha cabeça, girando, girando, eu suando, suando. *Corra, loira, corra.* Não podia olhar para trás. Mulher de Ló, jamais. Fartei-me do lirismo passional, cansei-me do lirismo minguido e branco, e de todas as óperas trágicas, de todos os amores impossíveis. Simplesmente fartei-me e se eu não conseguisse dar a partida no carro e sair dali em segundos, quem enfartaria, seria eu. Meu coração acelerado era um cuco cantando na meia noite, meus pensamentos girassóis póstumos. Ele, anjo torto no banheiro cantando a parte apoteótica da ópera, enxugando as madeixas loiras e o corpo de querubim caído, príncipe que virou um sapo depois das badaladas da meia noite. O beijo amante, às vezes, leitora, pode ser a véspera de um estupro, do corpo e da alma. Sim, o estupro da alma, das esperanças, é o mais violento e cruel de todos. Por isto, às vezes, é necessário escarrar no copo de leite, no lacta que quer fazer amor contigo e vomitar nos girassóis que amaciam teu leite nupcial, antes que seja tarde de mais, antes que te vicias na droga chamada paixão e ela te conduza magistralmente ao aniquilamento total... Leitora apaixonada tenha muito cuidado como o amor! Ele pode ser predatório e ser o carrasco definitivo do teu coração... Lembre-se que o consagrado e batido *eu te amo* não significa a mesma coisa para homens e mulheres. E às vezes, o teu amor pode ser verdadeiro e legítimo. E daí? Definitivamente nem sempre amar é tudo, há amores que são amores de perdição e de aniquilamento.

Nunca pensei que conseguiria dirigir sem sutiã, mas isto me deu uma sensação de liberdade que nunca havia sentido em toda a minha vida. Cruzei a ponte de volta com a mesma lua enfeitada no céu. Era o horário das bruxas e elas estavam possuídas naquela noite enluarada. Resolvi puxar mais o decote do vestido, abrir a janela do carro e sentir o vento batendo em meu seio. Eu era feliz, muito feliz, e não sabia. Contornei a mágica Ponte Hercílio Luz que contém em si a nostalgia de todos os amores póstumos e entrei na Avenida Beira-Mar Norte. Quem cruzar a Beira-Mar Norte depois da meia noite, em noite de lua cheia, conhecerá o que é ser feliz. Eu livre, duas vezes, livre. O poeta Alcides Buss já dizia *mar av ilha*, esta é sensação de quem passa pela Beira-Mar. *Maravilha*, sem ópera e sem príncipe. Ao chegar em casa, aconcheguei-me na minha cama quentinha e no meu travesseiro com cheiro de hortelã e pensei: afinal quem precisa de príncipe para ser feliz? Às vezes é melhor tem as estranhas habitadas por fantasmas e fazer sexos com os anjos... Encostei suavemente meu rosto no

travesseiro e dormi com uma felicidade que eu desconhecia. Resolvi tirar férias, definitivamente, das grandes paixões.

Leitora assustada perdoe o excesso de digressões. Tenho que terminar o conto. Quando ele saísse do quarto encontraria em cima dos pálidos girassóis uma lingerie preta, espécie de túmulo com um recibo assinado em branco. Final de ato. Aplausos.